

PRAÇA DO LICEU

Marcus Tullius Soares Falcão

Gerência de Artes e Turismo – CEFET – CE
Avenida Treze de Maio, 2081 – Benfica, 60040-531 Fortaleza – CE.
marcius@cefetce.br

Resumo

Nos últimos quatro anos o Turismo no Ceará tem crescido de forma relevante e com ele a preocupação com novos destinos e roteiros turísticos que possam ampliar o leque da oferta turística e da diversificação dos atrativos em Fortaleza. Destaca-se, então, como possibilidade o Turismo Cultural e assim, a própria Cultura Cearense. É neste contexto que fomos atraídos a estudarmos a Praça do Liceu (oficialmente, Praça Gustavo Barroso). Esta Praça localiza-se no bairro Jacarecanga, por conseguinte, com tremendo conteúdo histórico, social e urbano. O lugar passou a ser de domínio da elite fortalezense a partir de 1915, quando esta começou a se deslocar do Centro de Fortaleza em busca de áreas mais tranquilas. Em seu entorno, prédios antigos e modernos, testemunhos nítidos de arte e política, onde o novo e o velho se confrontam e se encontram. A memória de muitos fortalezenses está ali associada, mas também de valores culturais que não podem ser esquecidos. Sem falarmos dos problemas sociais atuais que ali estão presentes. É, em fim, um espaço urbano, um lugar de memória e um atrativo turístico. Os objetivos específicos analisados foram: o sítio; o espaço construído; os grupos sociais presentes; a Praça e seu entorno como lugar de memória e como atrativo turístico. Quanto à metodologia, fizemos pesquisa bibliográfica; visitas ao local em horários e dias diferentes para uma observação mais apropriada. Analisamos fotos e entrevistamos pessoas da comunidade. Por fim fizemos consultas aos jornais “O Povo” e “Diário do Nordeste”. A Praça do Liceu (Gustavo Barroso) é um belo lugar de memória, de lazer. Um lugar para turista ver. Mas necessita do cuidado do poder público municipal.

Palavras-chave: Praça, Urbano, Lugar, Memória, identidade e Turismo.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema a Praça do Liceu: espaço urbano, lugar de memória, atrativo turístico. Parece estranho, mas a Cidade de Fortaleza possui riquezas fantásticas, num variado patrimônio cultural, que se constitui em patrimônio turístico edificado pelo homem. Neste contexto estão as nossas Praças, que caíram em quase abandono não só pelo poder público, mas também pelo próprio fortalezense.

Vemos nos meios de comunicação a divulgação feita pelo governo estadual e agora municipal, de nossa Cidade como portal de entrada, e mais como um dos principais destinos turísticos do Brasil. Cartazes vêm sendo divulgados pela Secretaria Municipal de Turismo – SETFOR, com temas como Maracatu, Barra do Ceará, mas as nossas Praças, excetuando-se a do Ferreira, foram esquecidas.

Como se falar de Turismo Cultural, de valorização da Cidade, se o discurso permanece e a prática das autoridades competentes não se materializa?

Fortaleza tem grandes atrativos culturais, mas focamos em especial as Praças, e neste trabalho dedicamo-nos à Praça do Liceu. Ao focarmos a Praça do Liceu percebemos quanto a nossa Cidade tem se afastado de tão maravilhosos lugares de memória, de lazer, de convívio e ao mesmo tempo de privar os turistas de diferenciada experiência.

O presente trabalho é composto pelas seguintes partes: análise do Sítio, análise do espaço construído e análise dos grupos sociais em presença. Daí demonstrar a riqueza, beleza de uma das nossas mais fascinantes praças de Fortaleza.

A. Dos objetivos

O objetivo geral deste trabalho definiu-se em analisar a Praça do Liceu como espaço urbano, lugar de memória e atrativo turístico.

Os objetivos específicos foram: analisar o sítio; o espaço construído; os grupos sociais presentes; conceber a praça como lugar de memória e demonstrar a relevância como atrativo turístico.

2. METODOLOGIA

A construção desta pesquisa se deu através de uma revisão bibliográfica em autores que tratam da Fortaleza Antiga, da Remodelação de Fortaleza no início do século XX, de análise de fotos antigas e comparadas com recentes. Uma das fontes mais interessantes de fotos antigas foi o livro de Marciano Lopes (1999) e jornais, como o *Diário do Nordeste*.

Fizemos várias visitas em horários diferentes: pela manhã entre as oito horas e doze horas, pela tarde entre catorze horas e dezoito horas. As visitas foram feitas em torno de quatro vezes. Muitas fotos foram tiradas para maior compreensão e análise da Praça e de seu entorno.

Utilizamos vários jornais, entre “O Povo” e “Diário do Nordeste”, a fim de obtermos mais informações sobre a Praça.

Seguimos um roteiro de estudo que envolveu análise do sítio, do espaço construído e dos grupos sociais que freqüentam ou vivem no entorno da Praça. E daí poder entendê-la como lugar de memória e atrativo turístico.

3. DISCUSSÃO

O Edifício antigo do Colégio Liceu data de 1894, e o atual da década de 1940, e de certa forma em seu entorno se desenvolveu, a princípio a Praça, que de início foi chamada de Praça do Liceu. Mas depois foi chamada de Praça 14 de Julho e Praça Jacarecanga. Depois segundo Marciano Lopes (1999) Praça Fernandes Vieira e atualmente é denominada de Praça Gustavo Barroso, que foi um dos grandes historiadores do Ceará.

A Praça está inserida num Bairro de muita história e tradição, mas também de contrastes sociais. O lugar passou ser de domínio da elite fortalezense a partir de 1915, quando esta começou a se deslocar do Centro de Fortaleza em busca de áreas mais tranquilas, distantes dos perigos das revoltas, greves, ou das agitações provocadas pelo comércio e tráfego de bondes e automóveis.

Um dos principais nomes da elite a se deslocar para a região foi o empresário Pedro Philomeno Gomes, que construiu uma belíssima casa na esquina da rua que tem seu nome, com a Francisco Sá. Chegando a imitar, ou mesmo copiar residências européias. Além do casarão de Philomeno Gomes, na região se encontram as casas de seus familiares e amigos, como as dos empregados.

A Fábrica dele, a de Tecidos São José, e o Casarão de Thomas Pompeu Sobrinho que hoje é a Escola de Artes e Ofícios.

É relevante enfatizarmos que estas informações foram coletadas em conversa com pessoas da região, como o senhor Antônio Heracleo, que mora numa casa que foi de Philomeno Gomes, desde 1969. Ele nos deu quase todas as informações. Também conversamos com o vigilante da Escola de Artes e Ofícios que nos deu informações sobre o edifício.

Passamos, então para breve análise do objeto de nosso trabalho de forma mais específica. Quanto à análise do sítio buscamos identificar alguns aspectos relacionado ao meio físico, envolvendo seus componentes bióticos e abióticos. No que concerne ao elemento vegetação podemos dizer que na Praça ela assume diferentes funções: como arquitetura, engenharia, controladora do clima e como valor estético. Encontramo-la servindo como cobertura para automóveis, ornamentando a fachada, como no prédio do Corpo de Bombeiros por sua simetria com a própria fachada. Devido a grande arborização no local o clima é bem mais ameno daí muitos dos seus frequentadores buscarem abrigo nas sobras das árvores. A presença de vegetação um aspecto agradável, pois sem as árvores ela não teria muita beleza.

Em relação ao relevo, podemos dizer que ele é praticamente plano, possuindo um leve declive no sentido praça-oceano. Percebemos isso, nitidamente na Avenida Filomeno Gomes quando nos dirigimos para a praia.

A presença de corpos d'água é caracterizada pelo Riacho Jacarecanga que tem trechos expostos e trechos subterrâneos, ou seja, canalizados, indo desaguar na praia de Jacarecanga (Leste-Oeste). E o Oceano Atlântico, caracterizado pela Praia, já citada, Leste-Oeste.

O clima na Praça é agradável, notavelmente embaixo das árvores e durante a manhã, quando sentimos maior conforto térmico e a ventilação também é mais presente. No período da tarde quando o calor é irradiado pelo piso, principalmente pelo asfalto das ruas do entorno, há uma sensação de abafamento, porém as árvores amenizam o clima. Observamos a frequência, de pessoas aproveitando a sombra das árvores para relaxar, conversar, como um o jovem que lê o jornal, refugiando-se do sol.

Quanto ao espaço construído, percebemos que as dimensões predominantes as quadras são grandes, ocupadas quase totalmente. A Praça do Liceu mede aproximadamente 92 metros no sentido N-S, e 113 metros L-O. As quadras próximas também têm mensurações semelhantes. Os tipos de pavimentos da Praça são de concreto intertravado, variando em alguns trechos na forma e às vezes encontra-se pintado. No estacionamento do Colégio do Liceu e na passagem deste para a Praça, notamos paralelepípedos muito bem colocados. A quadra esportiva tem piso industrial e o "campinho" é de areia. É relevante observarmos a má conservação nos mais variados tipos de pisos, por conseguinte, o descaso das autoridades competentes.

Os passeios são de concreto e a acessibilidade é adequada e eficiente, pois as rampas facilitam o acesso não somente de deficientes, mas também de carrinhos de bebês, bicicletas, carrinhos de ambulantes e pessoas idosas.

No que concerne a infra-estrutura podemos destacar que existe na Praça e em seu entorno, mas em precário estado de conservação e não satisfatório para as necessidades do local em estudo. Em relação ao subsolo, percebemos esgotamento pluvial, como abastecimento de água. Foram identificadas redes aéreas tanto de telefone como de energia elétrica. Observamos que a iluminação artificial da praça é caracterizada por equipamentos (luminárias) já desgastados. Como exemplo, encontramos uma caixa de distribuição da fiação da iluminação, aberta, para não dizermos quebradas, com os dutos expostos.

Quanto à questão da limpeza, em várias partes da Praça há acúmulo de lixo, desde folhas a copos descartáveis. Sem esquecermos da aglomeração de lixo na parte norte, demonstrando a ineficiência do sistema de coleta. Em se tratando de transporte coletivo parece que a região é bem servida. Desde o sistema de ônibus às topiques. Na praça existe um ponto final da linha 25 e de uma linha de ônibus.

Em se tratando de mobiliário urbano não encontramos abrigos de pontos de ônibus, apesar do ponto de uma linha de ônibus que fica em frente ao Liceu, apropriando-se do abrigo natural das árvores.

Os bancos estão bem distribuídos e ordenados, muitos deles colocados debaixo das árvores, dando um agradável descanso aos que passeiam pela Praça, ou estão apenas de passagem. Mesas com bancos também foram encontrados numa disposição favorável a prática de jogos e outras conversas.

Identificamos duas bancas de revistas, quatro telefones estrategicamente colocados nos quatro cantos da Praça. Além de lixeiras, contudo espalhadas de forma aleatória, chagando ao ponto de até atrapalhar a passagem dos pedestres. Para a recreação encontramos uma quadra, um campinho, instrumentos de ginástica que estavam deteriorados, além das mesas para jogos.

Foram identificadas, apesar de fazerem parte do mobiliário urbano (pois não são fixas) barracas de comerciantes que vendem ali bebidas e alimentos, alguns só a partir do final da tarde, e outros o dia todo. Ressaltamos que quando visitávamos e fotografávamos um dos barraqueiros nos abordou e quis saber o que estávamos fazendo. Achou que estávamos o investigando. Medo de que?

Percebemos também uma boa sinalização urbana, mas nada em termos de sinalização turística ou explicativa sobre os monumentos da Praça e do entorno.

Identificamos que ocorre certa variação entre residências, comércio e serviços. Pois encontramos casas e condomínios residenciais, mas também serviços como escolas, Corpo de Bombeiros, SEFAZ. Não esquecendo os estabelecimentos comerciais. Mas o que nos chamou atenção foram as edificações que se destacam por sua expressividade ou valor histórico.

Neste ponto temos algumas edificações que notoriamente se destacam. O do Corpo de Bombeiros, principalmente pela cor e a estética provocada pelas árvores em sua frente. O próprio Colégio Liceu, que torna a Praça conhecida pelo seu nome, sendo o seu nome vulgar. Ressaltamos que o prédio do Colégio se destaca pelo seu tempo, década de 1940, como pelo seu tamanho. Em tamanho o Edifício Carajás, residencial, e pelo valor estético e histórico os casarões residenciais do entorno da Praça.

Disso resulta as diferentes temporalidades ali expressas onde a Praça do Liceu é rica em termos de história e arquitetura, pois nos apresenta edifícios de décadas diferentes, do começo do século XX, como das últimas décadas. Dos antigos, temos os casarões da rua Oto de Alencar, em especial o da esquina que é de 1917, e pertenceu a Emilio Hinko (Jornal “O Povo”); como o que fica em frente a Praça do Liceu, rua Guilherme Rocha, que data de 1905, e tende para o estilo *art nouveau*. Lembramos que o Liceu também representa esta postura de antiguidade, pois o seu prédio é da década de 1940. Dos modernos, como exemplo, o Edifício Carajás, e Edifício Pedro Philomeno Gomes, construído no local em que Philomeno Gomes construiu no passado (início do século XX) seu casarão na esquina hoje da Filomeno Gomes com Francisco Sá.

Para finalizarmos nossas reflexões, ainda temos uma análise dos grupos em presença. A Praça do Liceu é bem freqüentada por diversos grupos sociais. Observamos tais grupos nos horários matutino e vespertino, por volta das 09h00min horas e 04h00min horas respectivamente.

Durante a manhã, a praça é mais freqüentada por militares do Corpo de Bombeiros, aposentados que fazem caminhada, estudantes, ambulantes e babás passeando com bebês para o famoso banho de sol. Mas nenhum turista, só um norte americano que já vive a mais de dez anos no Ceará.

À tarde, os jovens se reúnem para conversar ou jogar bola em uma das quadras esportivas da Praça. Algumas pessoas se reúnem nos bares ou pequenos comércios para comprar, beber um caldo de cana e comer um pastel no *AKI Lanches*, como também participar das conversas corriqueiras.

Havia idosos fazendo caminhada, mães com seus filhos, grupos de adolescentes ora nos bancos conversando, ora jogando. Em baixo das árvores, nas mesas, vimos um grupo de homens suspeitos, e um deles nos abordou pedindo umas moedas para “uma dose”. Uma senhora mendiga, também pediu um trocado. Ao final da tarde a Praça Gustavo Barroso ficava mais animada, era a saída dos alunos do Liceu, alguns se dirigiam para a Praça e em baixo das árvores ficam falando, rindo, paquerando... Foi muito interessante observarmos o comportamento desses grupos sociais e a apropriação do espaço, tornando este o seu lugar, aí a percebemos “quando a rua vira a casa”.

Foi bem interessante notar que as pessoas freqüentam a Praça percebem a presença de outrem que não “pertencem” ao lugar, olham desconfiadas. Tem-se a impressão que se é invasor e que a rua é a extensão de suas casas. Um espaço em que suas conversas, seus diálogos, suas vidas são ali expressas, e percebemos nitidamente a identificação com aquele local e a memória ali definida.

O ponto final da topique 25, entre o Colégio Liceu e a Praça reúne os topiqueiros ao redor do carrinho do tapioqueiro: um senhor de uns 45 anos muito simpático. Ali eles encostam-se à grade da quadra, ou em pé mesmo conversam, tomam o seu café, e comem a tapioca. Aproveitamos para falar com o tapioqueiro (que não quis o seu nome divulgado) e ele falou com muito entusiasmo sobre a Praça, é nela que ele trabalha e ganha o seu sustento, mas reclamou da falta de segurança, dos constantes assaltos, que acabam por atrapalhar o seu negócio e o de outras pessoas.

Este é o cenário de tantas pessoas, que no seu ir e vir, fazer e refazer, travaram conflitos, riram, brincaram, estudaram, namoraram, deixaram e deixam suas marcas, sinais de semelhanças e diferenças sociais. Nós encontramos na Praça do Liceu além de um espaço urbano, um lugar de memória.

Segundo Japiassú (1996), a “A memória pode ser entendida como a capacidade de relacionar um evento atual com um evento passado do mesmo tipo, portanto como uma capacidade de evocar o passado através do presente (p. 178). O Lugar Praça do Liceu tem prédios, imagens, histórias orais, relatos do dito e não dito, que nos permitem entender um pouco do passado e relacioná-lo com o presente. Batista (2005) afirma que a memória é a “capacidade de reter um dado da experiência ou conhecimento adquirido e de trazê-lo à mente; e esta é necessária para constituição da experiência e do conhecimento científico”. Toda produção do conhecimento se dá a partir de memórias de um passado que é consolidado no presente”.

No momento que buscamos em conversas com moradores, comerciante e freqüentadores da Praça, as lembranças, a memória daquele lugar percebemos a identidade daqueles que ali viveram e vivem, com a Jacarecanga. Não o bairro da elite simplesmente, mas o meu lugar de lazer. Isso ficou claro em conversa com o senhor Antônio Heracleo (Antônio Heracleo, morador desde 1969 da vila na Jacare-

canga foi o único a nos conceder entrevista e permitir que seu nome fosse mencionado no trabalho), morador de uma casa de 1943, e que nela reside desde 1969. Ele lembrou da tranquilidade em inícios dos anos sessenta do século XX, como dos bons momentos vividos ali com sua família. Informou também dos garotos e rapazes que pescavam no limpo riacho Jacarecanga, que porém, está hoje bastante poluído, como constatamos confunde-se com um esgoto a seu aberto. Não deixou de falar dos vizinhos ilustres que teve como o ex-governador Virgílio Távora, o Desembargador Leite Albuquerque e até Alberto Silva, que foi governador do Piauí. Todos moraram em casas que pertenciam ao industrial Philomeno Gomes. A casa de seu Heracleo foi construída em 1943 e juntamente com as outras que formam a vila, foram edificadas a mando do próprio Philomeno Gomes. Seu Heracleo ainda mencionou que o interesse do industrial era que todos os seus parentes e funcionários morassem perto dele, inclusive os mais humildes, que também tiveram casas construídas na vila, porém em tamanho bem menor e mais simples. As casas maiores imitavam construções européias. Conforme reportagem do jornal “O Povo” (Jornal O Povo: acessado em 28 de março de 2006 através do site de pesquisa google) a “simpática vila era mais uma propriedade do industrial Pedro Philomeno Gomes, dono de boa parte dos imóveis da Jacarecanga na época em que o bairro ainda abrigava a burguesia da cidade, entre as décadas de 30 e 40. Traçando um paralelo com o presente, a vila fazia as vezes de condomínio particular”.

Lugar de memória, a Praça e seu entorno também são pela riqueza histórica, pela beleza natural, pelo espaço de recreação e lazer, patrimônio turístico criado pela atividade humana e que pode servir como atração turística. Segundo Oliveira (2002) temos um sítio histórico com monumentos, edificações civis e militares. Entendemos então como um lugar que possui diferenciais, que ao cotidiano do seus moradores lhes tragam apenas lembranças, mas aos olhos de estudiosos e visitantes, temos algumas obras de arte. Observe a foto abaixo, é de uma casa de 1905, seu estilo arquitetônico é o *art nouveau* (foi estilo arquitetônico que se desenvolveu na Europa na segunda metade do Século XIX e que inovou ao inserir na ornamentação das edificações desenhos de plantas, folhas, flores, animais e outros temas que fugiam à tradição neoclássica). Quem imaginaria, nem os moradores atuais, encantados com a sua habitual beleza percebiam quanta riqueza artística. um atrativo turístico.



Foto: 1

Fonte: do próprio autor (2006)

Além do prédio do Corpo de Bombeiros, do próprio Liceu, outro que tem um charme especial é o da esquina da Rua Oto de Alencar, como já citado, com Guilherme Rocha, que é de 1917. Olga Paiva (Olga Paiva, chefe da divisão técnica da 4ª Superintendência do Iphan.) o comparou aos apartamentos da Paris antiga, e ainda elogiou a racionalidade no aproveitamento dos espaços do edifício. A foto abaixo demonstra um pouco da sua beleza, porém destaca a falta de consciência de seus moradores atuais diante de tanta história.



Foto: 2

Fonte: do próprio autor (2006)

A lista de razões para se ter aí um atrativo turístico é grande, os casarões do entorno, na avenida Francisco Sá, na Philomeno Gomes, e não podemos deixar de destacar o monumento no centro da Praça,

uma estátua em homenagem ao historiador Gustavo Barroso. Curioso, é que, numa foto, da primeira metade do século XX, apresentada por Marciano Lopes (1999), no centro, em vez da estátua havia uma fonte. Isto não desqualifica o atrativo, mas exemplifica a dialética do velho e novo, antigo e moderno, da reinvenção do cotidiano pelos habitantes de sua cidade e principalmente pelos moradores do entorno da Praça.



Foto: 3
Estátua de Gustavo Barroso
Fonte: do próprio autor (2006)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Praça do Liceu é um patrimônio dos moradores da Jacarecanga, mas também dos fortalezenses. Assim como muitas outras Praças, ou melhor, como muitos espaços urbanos, que, contudo não valorizados adequadamente. Foi isso que constatamos no nosso objeto de estudo.

Lixo concentrado em vários pontos, esgoto exposto, faixas de anúncios publicitários penduradas nas árvores, falta de segurança, assaltos, estrutura física danificada em vários pontos, atestam o descaso mencionado.

Não queremos que este lindo espaço urbano, lugar de memória e potencial atrativo turístico fique apenas na nostalgia dos mais antigos, mas que ele se constitua, como no passado das nossas praças e bosques, um lugar de convívio pacífico, harmonioso, de lazer, onde os moradores do seu entorno tenham na Praça Gustavo Barroso, tradicional Praça do Liceu uma extensão de suas casas.

Ela é um bem público e por sua vez responsabilidade do poder público municipal e estadual. A eles cabe cuidar da limpeza, da acessibilidade e da segurança, da continuidade deste bem e de sua manutenção para que outros fortalezenses, no futuro, tenham a Praça do Liceu como um lugar para resgatar sua identidade e condição de cidadão de Fortaleza.

Queremos uma Fortaleza bela, ma bela de fato e não só de discurso.



Foto: 4
Casa do senhor Heracleo
Fonte: do próprio autor (2006)

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARROSO, Gustavo. À margem da História do Ceará. Fortaleza. Imprensa Universitária do Ceará. 1962.
2. GIRÃO, Raimundo. Geografia Estética de Fortaleza. Fortaleza. Casa José de Alencar/Programa Editorial, 1997.
3. Guia dos Bens Tombados do Estado do Ceará.
4. IGNARRA, Luiz Renato. Fundamentos do Turismo. 2ª Edição. São Paulo, THOMSOM. 2003.
5. JAPIASSÚ, Hilton & MARCONDES, Danilo. Dicionário básico de Filosofia. 3. ed. ver. ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 1996.
6. JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. Verso e Reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945 – 1960). São Paulo: Annablume, 2003.
7. LIMA, Luiz Cruz(organizador). DA CIDADE AO CAMPO: a diversidade do saber-fazer turístico. V.2. Fortaleza. Editora FUNECE. 1998.
8. LOPES, Marciano. Royal Briar: a Fortaleza dos Anos 40. 2ª edição. 1988
9. _____. Fortaleza Antiga: Praças, Ruas e Esquinas. Fortaleza, Editora ABC Fortaleza. 1999.
10. MACEDO, Silvio Soares. Paisagismo e Paisagem Urbana: experiência de ensino, in Cadernos Brasileiros da Arquitetura nº. 12, São Paulo: Projeto Editora, 1984.
11. MARTINS, Clerton. Turismo, Cultura e Identidade. São Paulo, Editora ROCA. 2003.
12. MENEZES, Raimundo de. Coisas que o Tempo Levou. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.
13. NOBRE, Geraldo da Silva. A Capital do Ceará. Fortaleza. 2ª edição. Casa José de Alencar/UFC. 1997.
14. OLIVEIRA, Antônio Pereira. Turismo e Desenvolvimento. 4ª edição. São Paulo, Editora Atlas. 2002.
15. PONTE, Sebastião Rogério. Fortaleza belle époque. Fortaleza. Fundação Demócrito Rocha, Multigraf, 1993.
16. PROENÇA, Graça. História da Arte. São Paulo, Editora Ática. 2002.
17. TOLEDO, Benedito Lima de. Bem Cultural e Identidade Cultural. In Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nº 20, 1984.
18. QUEIROZ, Maria Isaura de. História do Cangaço. 5ª edição, São Paulo, Global. 1997.
19. SOUZA, Simone(coordenadora). Uma nova história do Ceará. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

Referências infográficas

BATISTA, Cláudio Magalhães Memória e Identidade: Aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural. In Caderno Virtual de Turismo nº. 17, ISSN: 1677-6976 setembro de 2005. Acessado em <http://www.ivt-rj.net/caderno/> .